

LER, ESCREVER E REESCREVER NO ENSINO MÉDIO POR MEIO DOS CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA

José Enildo Elias Bezerra (IFAP)
enildoelias@yahoo.com.br

1. Introdução

A discussão deste artigo está voltada para as práticas de leitura e produção textual com alunos dos cursos técnicos ofertados no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – campus Laranjal do Jari, na região sul do estado.

Existem desafios até hoje enfrentados pelos professores do ensino médio como criar o hábito de leitura em alunos que se encontram nas últimas séries do ensino básico além de problemas de diversas ordens, que vão desde a interpretação até a produção de pequenos textos sem coesão e coerência.

Normalmente, tais alunos vêm de escolas que não tem infraestrutura como salas de leitura, bibliotecas e também deficiência na formação de professores e, conseqüentemente, dificuldades de um desenvolvimento de atividades voltadas para os conhecimentos básicos de produção textual e leitura, além da falta de materiais como livros didáticos, paradidáticos, fotocópias de textos entre outros que também impedem que sejam concretizadas atividades que poderiam ajudar ao indivíduo a ler e escrever melhor.

A construção deste artigo está baseada na elaboração de um projeto de pesquisa intitulado “O significado da reescrita no ensino médio: desafios nas aulas de produção textual”, projeto iniciado no ano de 2011 com previsão para seu término em 2014 nas dependências do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – campus Laranjal do Jari.

A coleta de dados foi realizada em diferentes etapas do percurso das atividades iniciadas em 2011 por professores de língua portuguesa, sendo a primeira etapa por meio de análises de textos dos alunos participantes das oficinas de leitura e produção textual e durante os últimos dois anos questionários realizados através de perguntas escritas e nas observações das aulas de produção textual nas turmas do 3º ano do ensino médio do próprio IFAP – campus Laranjal do Jari.

Para desenvolver atividades de leitura e produção textual foram utilizados clássicos da literatura brasileira, buscando, desta forma, construir um cronograma de aula e oficina com as obras indicadas para o ensino médio pelo Ministério de Educação – MEC.

2. Desenvolvimento

A atividade inicial nas salas de aula e nas oficinas de leitura e produção textual se deu no aproveitamento do ensino da modalidade de literatura nos três primeiros anos do ensino médio, que, em geral, têm como objetivo a obrigatoriedade da leitura dos clássicos da literatura brasileira e universal, porém, o propósito aqui explícita no aproveitamento da leitura de obras da literatura clássica, especialmente para que desta forma se pudesse iniciar uma etapa de aprendizagem que levasse ao aluno não só a construir um hábito da leitura, mas de aprender a ler obras a partir de um trabalho sistemático da leitura.

O que se observou durante os trabalhos de leitura e produção textual com alunos das últimas séries do ensino básico era que além da falta de incentivo à leitura no ensino fundamental, existia um distanciamento entre a linguagem escrita nas obras clássicas da literatura brasileira, que em geral encontra-se fora da realidade dos estudantes, os quais não falam ou escrevem a língua em que está escrita os livros, conseqüentemente, não podem dominar a língua culta em que supostamente deveriam escrever.

Percebeu-se durante os últimos dois anos de atividades desenvolvidas nas aulas de língua portuguesa e nas oficinas de leitura e produção textual, que quando os textos se voltam para a realidade dos alunos os questionamentos fluem de forma mais espontânea, levando aos alunos a discutir os fatos de forma mais profunda. Uma produção seja oral ou escrita baseada em suas realidades surge de forma mais espontânea porque a vida social e cultural em que vivem tais indivíduos os leva a discutir acontecimentos e textos que relatam o cotidiano com mais naturalidade.

Criar o hábito de leitura em grupos de discentes que não estão acostumados com a leitura de textos mais longos, como é o caso da literatura clássica, é sempre um desafio, isto porque muitos já se consideram bons leitores por entrarem em constante contato com as redes sociais.

Demonstrar a este público que uma obra clássica ajuda em novas percepções de interpretação e que em cada momento da literatura existi-

ram e existem novas tendências de percepção de vida, é um desafio para os professores.

Sabemos que a leitura dos diversos clássicos pode estabelecer uma atividade de transformação de opinião, criar novos debates quando se relaciona o acontecido como a realidade atual e ainda pode demonstrar que em muitas situações as semelhanças dos fatos de hoje é uma retrospectiva do que já foi dito, visto e até vivido por autores.

É importante destacar que as discussões geradas a partir da leitura de uma obra literária ajudam na compreensão de textos mais complexos não só nas aulas de literatura e língua portuguesa, mas em várias disciplinas como matemática, ciências, entre outras.

Embora os alunos do ensino médio-técnico não tenham o hábito de ler obras completas vale ressaltar que incentivar a leitura de livros que tratam de assuntos mais específicos da comunidade nem sempre estão disponíveis ou existem obras que tratem da realidade da comunidade, e como há uma necessidade de se criar o hábito de ler obras diversas e de demonstrar que é importante absorver novas percepções com relação à interpretação, os obstáculos tornam-se maiores quando se estabelece parâmetros de leitura voltados para livros de autores conhecidos na literatura brasileira.

Guedes (1991, p. 82) destaca que

Só o leitor pode ser chamado a ler melhor o que leu e a escrever melhor o que escreveu, pois a noção de melhor, de qualidade, só pode ser construída por quem dispõe de termos de comparação. Leitor, por isso, é necessariamente leitor de muitos e muitos textos em quantidade e de alguns textos especiais em quantidade.

Para Guedes a escola não tem se ocupado da leitura de base, que precisa formar individualmente o leitor, que é em geral solitário, pois ele vai construindo sua relação pessoal com o texto e descobrindo aos poucos o interesse pela leitura, buscando assim, desenvolver a vontade de ler textos cada vez maiores.

E é nesta perspectiva de construir novos leitores que o projeto de leitura, produção textual e reescrita baseia-se, embora os docentes tenham que iniciar os seus trabalhos recorrendo à leitura e produção textual de pequenos textos e a obras clássicas da literatura em forma condensadas, ou seja, com histórias reduzidas e com uma linguagem mais acessível ao público-alvo.

Refletindo sobre o trabalho com alunos do ensino médio-técnico é importante destacar que o público pesquisado, em sua maioria, não tem acesso às informações básicas, como internet e bibliotecas públicas, tais dificuldades em muitos casos levam a acreditar que para estes indivíduos o livro impresso com muitas páginas é um verdadeiro tormento.

No momento em que foi discutida entre professores questões ligadas à leitura passou-se a ter uma única saída para os professores, aceitar de imediato as condições precárias de leitura e escrita dos alunos buscando que os mesmos refletissem sobre a importância de ler textos e que pudessem melhorar não só o vocabulário, mas criar novas perspectivas de interpretação textual, acreditando que a partir de uma simples atitude de leitura os sujeitos se tornariam mais perceptíveis à condição da vida deles e dos outros.

No início das oficinas de leitura e produção textual aceitavam-se os textos escritos de forma mais espontânea, pois o que estava em jogo eram apenas dois aspectos básicos da compreensão: a coerência e a coesão textual.

O importante, naquele momento, era que o professor de língua portuguesa aceitasse a mudança de produzir textos em que tivessem como objetivo a coerência textual, mesmo sabendo que a escola não tolera qualquer forma de escrita e que o professor não deixasse de corrigir os textos, mas criasse possibilidades para que estes alunos pudessem ver que um texto não é apenas um amontado de palavras, e sim, algo que nos ajuda a comunicar uns com os outros.

Um dos papéis da escola é permitir que todos os alunos tenham acesso a um conjunto básico de bens culturais, sendo assim, a escola deve possibilitar condições para que os alunos aprendam a escrever na língua formal.

Ler vários estilos literários, buscando assim analisar textos escritos nos mais diversos estilos, chamar a atenção para diversas construções, levar aos alunos a escreverem e reescreverem até chegarem a dominar uma linguagem mais próxima da linguagem exigida não só pela escola, mas pela própria sociedade que tem a língua formal como a padrão são alguns dos desafios encontrados pelos professores de língua portuguesa durante as aulas e oficinas de leitura, produção textual e reescrita do IFAP – campus Laranjal do Jari.

As formas apresentada pelos professores de língua portuguesa durante as aulas no Instituto estabelecem critérios para uma leitura prazerosa da literatura clássica brasileira sem que o estudante tenha que ler os textos apenas para cumprir um programa escolar ou visando ser aprovado no ENEM ou em vestibulares, tentando assim desmistificar que a literatura é coisa de artistas, de gente diferente, que tem licença poética para escrever de uma forma criativa, que não é acessível às pessoas comuns e que nada tem a ver com a língua que todos deveriam falar.

Nos primeiros contatos com obras que fazem parte da literatura clássica brasileira houve certa resistência em ler e escrever sobre determinadas obras, contudo, ao escrever pequenos comentários do que haviam lido, os alunos iniciaram certos debates que os levaram a reconhecer que muitas situações descritas nos livros estavam relacionadas com as atitudes em que até hoje presenciavam na sociedade, desta forma, os assuntos expostos em cada obra traziam novas expectativas para se produzir textos que tivessem um sentido para eles e pudessem assim ser discutidos em sala de aula.

Os questionamentos realizados pelos alunos por meio da leitura das obras clássicas e, conseqüentemente, dos primeiros resumos e comentários escritos pelos alunos, deram aos professores a ideia de desenvolver atividades de reescrita, baseando-se na construção de pequenos textos que eram produzidos em sala, que após serem recolhidos e lidos pelo corpo docente e devolvidos após alguns dias aos alunos, iniciavam uma nova leitura do próprio texto, tentando, com isso, demonstrar a importância de melhorar as ideias após a reescrita.

A primeira etapa estabelecida para as oficinas de textos foram as escrituras de pequenos textos que tinham como referência os clássicos da literatura brasileira lidos durante cada bimestre. Os debates sobre as obras eram realizados em sala de aula e concluída a leitura pelos próprios aprendizes, desta forma, ajudava-se a constituir o que pode se chamar de fase de preparação para uma produção textual mais consciente, ou seja, conscientizar que um texto escrito tem como objetivo também registrar opiniões e fatos.

O trabalho com as produções textuais dos alunos utilizando os clássicos da literatura ajudou os professores a encontrar meios para conhecer mais profundamente as capacidades e as deficiências do aprendiz a fim de guiar seu ensino de uma forma melhor.

O aluno também se encontra aí implicado. Porque em muitas ocasiões os estudantes são incentivados a apreciar seu próprio texto ou o de um colega. Os diferentes pontos de vistas que surgem entre o alunado com a troca de textos entre eles, por exemplo, podem ser objeto de um debate coletivo e as questões do professor podem ser orientadas para os componentes do texto que apresentam problemas, como coerência e coesão, que a princípio tinham como objetivo principal dentro do projeto de leitura, produção textual e reescrita.

A volta à leitura dos textos pelos aprendizes visa delimitar os conhecimentos adquiridos, observar as dificuldades que eles mesmos percebem com o passar do tempo em cada texto que voltam a ler e ainda demonstra que um texto não se produz de uma vez só.

Com a releitura e a reescrita dos textos por cada aluno, cada um aprende a revisar seu próprio texto e identificar erros básicos de coerência e coesão, entretanto, as interferências do professor só é dada a partir da segunda reescrita, isto porque o aprendiz inicia um processo de reconhecer aspectos básicos de um texto que tem como finalidade informar de forma clara e objetiva.

Esse tipo de trabalho que envolve uma leitura prévia, escrita baseada em um referencial e reescrita do próprio texto, é um tipo de trabalho que não exige instrumentos sofisticados, é fundamental para o professor tomar decisões referentes à diferenciação entre, de um lado, verificar as possibilidades de os aprendizes tratarem os componentes que lhes trazem problema, a fim de estabelecer as necessidades do grupo, e, por outro lado, o professor poder identificar as necessidades particulares de cada aluno em dificuldade.

A técnica de reescrita consiste no domínio da técnica de escrita pela observação e pela realização de gestos elementares como a leitura de pequenos textos, livros que possam reproduzir a realidade vivida pela comunidade onde vivem os leitores.

As adaptações de obras clássicas dentro do projeto contribuam para que pouco a pouco as regularidades da escrita baseadas nos textos literários fossem reconhecidas pela comunidade escolar como essencial para a aprendizagem da leitura e da produção textual totalmente voltada para a realidade vivida pelos alunos do instituto.

É importante observar que em um trabalho deste porte que trata da leitura e da produção textual os professores podem informar que a rees-

crita de textos não se aplica apenas a estudantes, mas a todos que escrevem e necessitam ser compreendidos pelos interlocutores.

Para Ferraz (2007, p. 116)

O professor faria bem se conseguisse criar, já nos primeiros anos da vida escolar, o hábito de o aluno planejar seu texto, fazer esboço, fazer a primeira versão e, depois, revisar o que escreveu, naturalmente, sem culpa, sem achar que ficou tudo errado, aceitando a reformulação como algo perfeitamente normal e previsível.

3. *Reflexões conclusivas*

A escola não pode limitar o aluno à capacidade de leitura e produção textual, pois ao saber ler e escrever textos literários pode assim proporcionar momentos agradáveis, desenvolvendo o espírito crítico e a criatividade, que ajuda na formação do sujeito, abrir portas para o mundo, despertar a sensibilidade para sua sonoridade e significações, objetos que podem ser trabalhados desde a mais tenra idade. Quando os alunos iniciaram no projeto de leitura e produção textual na instituição admitia-se a língua falada pelos adolescentes oriundos de grupos sociais menos prestigiados economicamente, não foram levados em conta as incorreções gramaticais ou os usos da linguagem que faziam tais indivíduos. Sabemos que o processo de aquisição da língua formal se dá pelo contato com a escola, com a leitura de obras que levam a refletir sobre a existência de outra forma de escrita e até mesmo de falares diferenciados do que já é de conhecimento da comunidade. Trabalhar com a produção textual utilizando como referência os clássicos da literatura nacional ajudou ao corpo discente participante das oficinas de leitura e produção textual a demonstrar que, embora a língua esteja sempre em construção, é possível analisar o que está escrito e compreender de forma cada vez mais objetiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUEDES, Paulo Coimbra. *A língua portuguesa*. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29352/18042>>. Acesso em: 25-06-2013.
- FERRAZ, Maria José. *Ensino de língua materna*. Lisboa: Caminho, 2007.